

Viajando pelo Brasil - I

UM HABITAT DE ALTITUDE PARA ORQUÍDEAS

Raimundo Mesquita (*)



Zygopetalum pahstii

TEM SIDO UM ESPECIAL BÔNUS PARA mim as viagens que venho fazendo, pelo Brasil, para divulgar e coordenar a realização dos dois grandes eventos que a orquidofilia brasileira está preparando para mostrar ao Mundo neste final de século: a OrchiRio 94 e a 15ª Conferência Mundial de Orquídeas. O que, normalmente, seria motivo de cansaço e não poucas tensões, tem-me, ao contrário, propiciado muitos momentos, de enriquecimento pessoal e de aquisição de conhecimento do complexo mundo orquidófilo brasileiro.

Pareceu-me interessante ir contando alguns momentos dessas viagens, traçando um pequeno painel do que tenho visto, como uma contribuição ao conhecimento da orquidicultura brasileira atual, que se moderniza, incorpora dados de ciência, tem plena consciência do seu papel de guardião desse vegetal tão ameaçado e busca dar-lhe as melhores condições para sua per-

vivência.

E, assim, começo pelo Espírito Santo, estado tão rico de orquídeas e, ao mesmo tempo, tão devastado, mas onde os cultivadores adquiriram uma visão ecológica tão aguda, que chegam a sacrificar uma das características mais eminentes de qualquer horticultor, que concebe a planta como ser singular, objeto de vaso ou de suporte, que possa ser transportado para exposições ou para decoração de ambientes.

Não são poucos os exemplos que se encontra naquele Estado, de pessoas que tratam a orquídea como o ser silvestre que é e procuram dar-lhe condições de habitabilidade o mais próximas possível daquelas de que necessita a orquídea para bem vegetar.

É de todos conhecido o sítio Florabela de Érico de Freitas Machado, com suas matas, seu bosque de dracenas. Menos conhecido, o que vem desenvolvendo

Wladislaw Zalaswski pareceu-me, pela sua importância e qualidade, ser indicado para começar esta série.

Todos nós aprendemos, com tempo e experiência, que o melhor lugar para cultivar orquídeas é aquele a que ela se adaptou ao longo do seu processo evolutivo. Aprendemos, também, que ela necessita de certas condições que simulem, o mais próximo possível, uma ambiência que satisfaça suas necessidades de clima, aeração, umidade e luminosidade, tudo que dificilmente podemos oferecer-lhes nas nossas estufas, que, como já se disse, assemelham-se, cada vez mais, com as dos orquidários comerciais, com sua aparência de entrepostos (o que, na verdade, são, mas justificadamente, já que essa é sua função).

Tais dificuldades acentuam-se, quando pretendemos cultivar, em escala crescente, plantas com origem, hábitos e necessidades distintas e, isto, é e tem sido causa de não poucos insucessos.

Cultivar em árvores vivas, ou mesmo tentar reproduzir ao ar livre as condições ambientais originais apresenta o mesmo grau de dificuldade e a mesma perspectiva de insucesso se não formos capazes de saber que plantas podemos cultivar no local de que dispomos. É aí que entra o que eu dizia acima, o estudo constante da orquídea e a observação de campo, coisas que, pude observar, Wladislaw Zalaswski pratica: lendo, estudando e, já que é um verdadeiro "peregrino", indo aos habitats naturais para conferir.

O seu sítio localiza-se no município de Domingos Martins, no Estado do Espírito Santo, um dos locais mais privilegiados para o cultivo de orquídeas, porque, ali, no que pesem devastação e alterações dos ecossistemas, ainda hoje encontram-se novidades, como tivemos exemplos em números passados desta revista.

Situado a, aproximadamente, 1200 metros de altitude, nas proximidades da Pedra Azul, beneficia-se de condições ambientais muito favoráveis ao cultivo ao ar livre. Além disso dispunha Wladislaw

Zalaswski de uma enorme pedra, quase plana, posta à sua disposição pela natureza, com declive bem pouco acentuado, que, sem medir ou calcular, eu diria que tem apenas uns 20% de inclinação, o que permite não só o acesso fácil, mas, sobretudo, que as águas das chuvas escorram sem grande violência.

Foi nesse local tão favorável que ele resolveu fazer o seu jardim de orquídeas, com o requinte e o esmero que cabiam, transplantando não apenas orquídeas, mas, também, exemplares da flora de altura, que se costuma ver convivendo com as orquídeas, nas altitudes do seu Espírito Santo, nos cerros de Minas Gerais, nos picos e planaltos da Bahia, regiões que muito tem percorrido, com um grupo seleto de orquidófilos - Euclídio Colnago, Roberto Kaustky e muitos outros -, para ver, estudar e observar.

O resultado de tudo isto está visível nas ilustrações. Você vê muitas viçosas de *Encyella odoratissima*, convivendo próximas de enorme quantidade de *Laelias* rupestres. De repente, no meio de uma macega rasteira, desponta a estranha forma de um *Phragmipedium*, ou um belo *Zygopetalum pabstii*. Em troncos de *Vellozia* lá estão, como gostam, *Sophranitis* variados, *Laelia sincorana* e mais...

Quando lá estive, estava em flor uma pequena "floresta" de *Cattleya elongata*, pujantes e vigorosas, evidência viva de como lhes foi benéfico o novo habitat, onde



Laelia praestans

elas estão livres das queimadas que costumam devastar as populações da Chapada Diamantina, na Bahia. E, por falar em Bahia, quero dizer, num parêntesis, que vi ali, descobertos no Pico das Almas, ponto mais alto daquele estado, exemplares de *Oncidium warmingii*, que são, seguramente, fortes rivais dos mais belos que se encontram em Minas Gerais e no Espírito Santo, sobretudo pelas franjas do labelo e pela cor dos seus segmentos.

Vi, também, em troncos de limoeiro algumas *Laelia praestans* e *L. pumila* que enriqueceriam nossas coleções, mas que

jamais serão vistas numa exposição, porque estão, ali, vegetando em árvores e arbustos, cumprindo uma outra função. Adornam, é certo, mas são mais do que plantas de coleção, são seres vivos, cumprindo o seu destino de partícipes da estranha e misteriosa cadeia da vida.



(¹) Rua D. Mariana 73/902,
22.280-020 - Rio de Janeiro, RJ.



Cattleya elongata

R. Mesquita